

METÁFORA

COMPREENDA E CRESÇA COMO LEITOR DE CONTOS

Raimundo Farias de Lima

(ESAB-ES)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Raimundo Farias de Lima é graduado em Letras pela Universidade da Amazônia (UNAMA), tendo concluído sua graduação em 2002. Em 2009, aprofundou sua formação ao se especializar em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira pela Faculdade Internacional de Curitiba (UNINTER), o que reforçou seu compromisso com as práticas pedagógicas inovadoras no ensino de línguas. Prosseguindo em sua busca por conhecimento, Raimundo realizou uma pós-graduação em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade e Tecnologia Darwin, concluída em 2011. Além disso, seu interesse contínuo pelo aperfeiçoamento acadêmico o conduziu ao mestrado pelo programa Mestrado Profissional (PROF LETRAS) pela Universidade Federal do Pará (UFPA), no qual está engajado desde 2023. E-mail: raimundo.tucapereira@gmail.com.</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>O presente trabalho objetiva apresentar, panoramicamente, um referencial teórico que problematiza a leitura como uma maneira de expandir conhecimentos, estimular a mente e explorar perspectivas enriquecedoras que podem proporcionar entretenimento, aprendizado e desenvolvimento pessoal e por ser fundamental para a comunicação, ao entendimento do mundo e ao crescimento intelectual. Além disso, evidencia-se que a leitura metafórica, quer seja de um diálogo ou de um conto, envolve a interpretação simbólica de elementos para além do significado literal. Assim, este trabalho de pesquisa, de cunho bibliográfico e documental, pretende enfatizar a importância do entendimento das metáforas presentes no conto "O primeiro beijo", de Clarice Lispector, já que as metáforas em contos, muitas vezes, aprofundam a compreensão emocional ou temática, permitindo uma conexão mais profunda com o texto. Após as considerações teóricas, será apresentada uma proposta de atividade, focalizando o uso de metáforas no conto em questão. Quanto à estrutura, este artigo está organizado da seguinte forma: introdução/justificativa; referencial teórico; procedimentos metodológicos, referentes às três etapas de desenvolvimento da atividade sobre a compreensão das metáforas no conto supracitado; por fim, são apresentadas as considerações finais.</p>	<p>The present work aims to present, panoramically, a theoretical framework that problematizes reading as a way of expanding knowledge, stimulating the mind and exploring enriching perspectives that can provide entertainment, learning and personal development and because it is fundamental for communication and understanding the world. and intellectual growth. Furthermore, it is clear that metaphorical reading, whether of a dialogue or a story, involves the symbolic interpretation of elements beyond the literal meaning. Therefore, this research work, of a bibliographic and documentary nature, intends to emphasize the importance of understanding the metaphors present in the short story "The first kiss", by Clarice Lispector, since metaphors in short stories often deepen emotional or emotional understanding. theme, allowing a deeper connection with the text. After theoretical considerations, an activity proposal will be presented, focusing on the use of metaphors in the story in question. As for the structure, this article is organized as follows: introduction/justification; Theoretical Reference; methodological procedures, referring to the three stages of developing the activity on understanding the metaphors in the aforementioned story; Finally, final considerations are presented.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Leitura; Metáfora; Conto.	Reading; Metaphor; Tale.

INTRODUÇÃO

Um dos recursos linguísticos que o professor de Língua Portuguesa deve trabalhar em sala de aula é a metáfora, que atravessa o cotidiano do estudante como um mecanismo que envolve a conceitualização de um domínio de experiência que compartilha semelhanças com um outro domínio, não correspondendo, somente, a um recurso de estilo ou uma figura de linguagem, uma vez que não é usada apenas para “embelezar” o texto (Souza, 2023, p. 136), conforme previsto na BNCC – Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) – do terceiro ao nono ano do Ensino Fundamental (ver habilidades EF35LP31, EF69LP17 e EF67LP38).

A metáfora é um mecanismo presente nas produções de textos orais e escritos com um propósito argumentativo, pois, quando se diz, por exemplo, “ficou uma arara” não quer dizer que alguém se transformou em um pássaro, mas pretende-se enfatizar o quanto esse indivíduo ficou bravo e que não causaria o mesmo efeito se fosse dito apenas “ficou bravo(a)”. Desse modo, percebemos a força argumentativa que o uso metafórico estabelece em uma interação comunicativa, porque envolve o domínio de experiência com as leituras de mundo e de textos orais e escritos e a relação do indivíduo com seus pares na comunidade que “[...] de um lado, exige-se do criador/locutor da metáfora um alto grau de percepção e de abstração, de outro, podem ser exigidos os mesmos atributos do seu receptor para que ele a compreenda e a intérprete” (Paiva, 1998, p. 41).

Quando pensamos em leitura literária, percebemos a necessidade de problematizar os conceitos dos mecanismos metafóricos presentes nos textos escritos, assim como conduzir o estudante aos entendimentos do quanto essas projeções metafóricas “[...] são presentes nos textos a que eles têm acesso no dia a dia e quanto é importante que eles sejam capazes de decodificá-las, interpretá-las e perceber suas funções nos textos a fim de apreender melhor os sentidos sugeridos” (Souza, 2023, p. 143).

Nessa perspectiva, este trabalho, de natureza bibliográfico documental, é fruto de uma pesquisa com base em autores contemporâneos que discutem a problemática do ensino da leitura com foco na exploração dos recursos metafóricos que atravessam a construção de sentidos de um conto ou outros gêneros.

Por fim, além desta introdução, este texto foi organizado da seguinte maneira: a) referencial teórico, que está dividido em três seções, sendo que a primeira pontua a leitura literária como um caminho para entender o mundo e a si, a segunda conceitua e apresenta a metáfora como mecanismo de argumentação e construção de sentidos de um texto e a terceira sistematiza o conceito de conto; b) procedimentos metodológicos,

referentes às três etapas da atividade proposta, objetivando o entendimento do estudante sobre o conceito de metáfora e sua contribuição para a construção de sentidos em um texto; c) considerações finais, que mostram uma síntese sobre os questionamentos discutidos no decorrer do desenvolvimento deste trabalho; d) referências, que reúne a lista de autores com os quais foi possível manter um diálogo para o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A leitura literária – um caminho para entender o mundo e a si

Aprender a ler é um caminho comum na sociedade em que vivemos, mas ninguém nasce sabendo ler. Aprende-se a ler, em um sentido amplo, mediante convivência no meio e com os outros, na chamada escola da vida, por exemplo, como

a leitura do voo das arribações que indicam a seca – como sabe quem lê *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o que não depende da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros”. E há as leituras dos livros que, geralmente, se aprende a ler na escola (Lajolo, 2011, p. 7).

Sabe-se que a literatura pode ser usada mais do que como mediação para desenvolver o hábito de leitura, “[...] sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem” (Cosson, 2018, p. 30). A literatura, assim, contempla boa parte da diversidade de leituras com as quais se pode interagir e potencializar o ensino de leitura na escola.

Pensar em leitura literária é respeitar a ideia de que o leitor de literatura extrapola os limites de ler e compreender o gênero literário e que aprende a gostar de ler pelo fato de se permitir experienciar novas descobertas associadas ao prazer estético (Barbosa, 2011, p. 4). Nesse sentido, “Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço” (Cosson, 2018, p. 27).

Nesse aspecto, ler literatura não serve apenas para entender como se opera a estrutura de determinados gêneros ou, ainda, compreender a que escola literária pertence um texto. Certos autores de livros didáticos, ao desenvolverem atividade que tem como

referência um texto literário, exploram com mais rigor os aspectos linguísticos, enquanto os aspectos literários ficam bem superficiais.

Ler literatura envolve se entregar à “viagem”, sentindo os sabores e dissabores sinalizados pelas palavras, é se relacionar com o texto e contexto de produção e outros textos, é se encantar ou desencantar. Para alcançar esse nível, é necessário que se tenha contato com a literatura, de modo que se experimentem esses desafios, ampliando o perfil e proficiência do leitor.

Assim, a leitura de texto literário não pode ser vista pelo professor como instrumento de treino da oralidade ou para verificar se o aluno é um bom decifrador de escrita ou, ainda, “para referência e admiração do gênio humano. Bem diferente disso, é seu dever explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades desse tipo de texto” (Cosson, 2018, p. 29).

Desse modo, entende-se que, se a formação do indivíduo está ligada à interação com o meio e seus semelhantes e não semelhantes, a literatura tem o propósito também de contribuir para a ampliação de experiências e vivências dos indivíduos. Então, fica evidente que a literatura serve não meramente como pretexto de ensino linguístico, mas com o propósito de evidenciar a percepção de visão do mundo dos leitores (Cândido, 2024, p. 179).

Isso posto, entende-se que o propósito de se realizar leitura de textos literários é dar condições ao estudante de interagir com o mundo arquitetado e representado por meio da escrita, permitindo-lhe adquirir experiência mediante participação, observação, envolvimento em situações ou eventos de vida de gerações passadas, presentes ou futuras com quem possa dialogar, sem complexo, livre de preconceitos, podendo ir onde o texto levá-lo e podendo se informar e se formar, ampliando seu campo de visão em relação ao que está em sua volta, em busca de seu equilíbrio.

Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (Cândido, 2004, p. 175).

Esse equilíbrio social por meio da literatura de que Cândido (2004) trata só é possível se for dada ao indivíduo autonomia de buscá-lo. Assim como cada indivíduo aprende a falar sua língua materna mediante interação com seus semelhantes, se expressando segundo sua concepção e se ajustando conforme vai se desenvolvendo, o mesmo vai acontecer quando se pretende aprender e evoluir por meio da leitura literária.

Com isso, no contexto de mediação de aprendizagem, fica evidente que será necessário ouvir os estudantes após a leitura de um texto literário, sem que sejam tolhidos de suas opiniões, pois, ao “ouvir muitos desses comentários e tentar ajudar as crianças a

explorá-los, é que muitas vezes eles querem entender suas próprias explicações sobre suas afirmações críticas. E esperam que o professor facilite essa exploração” (Chambers, 2017, p. 35).

Assim, o estudante vai moldando sua personalidade, mediante as discussões pós-leitura, em que sua opinião pode convergir ou divergir com as dos seus semelhantes, sobretudo, porque

o texto "redigível", geralmente modernista, não tem significações determinadas, não tem significados fixos, mas é plural e difuso, uma galáxia ou um emaranhado inexaurível de significantes, uma trama inconsútil de códigos e fragmentos de códigos, através do qual o crítico pode abrir seu próprio caminho errante. Não há começos nem fins, não há sequências que não possam ser invertidas, nenhuma hierarquia de "níveis" de texto para nos dizer o que é mais significativo ou menos significativo (Eagleton, 2006 p. 207).

Portanto, entende-se que o texto literário, assim como o cotidiano do leitor, é atravessado por linguagem literal e metafórica, sendo esta última, muitas vezes, imperceptível ou, até mesmo, não compreendida pelo leitor, o que acaba prejudicando a compreensão do texto, pelo fato de a “[...] metáfora ser um processo cognitivo que nos ajuda a conceitualizar a nossa experiência por meio da criação de correspondências entre as coisas facilmente compreendida e outras mais difíceis de entender” (Souza, 2023, p,140).

Diante disso, faz-se necessário problematizar não só o conceito de metáfora, mas também apresentar a força argumentativa causada por ela, quando utilizada cotidianamente, tanto no texto oral quanto no texto escrito, proporcionando-lhe maior verossimilhança, o que será objeto da próxima seção.

Metáfora no cotidiano

Por muito tempo a linguagem figurada foi vista apenas como recurso de estilo pela visão tradicional, que concebia tal recurso como tipicamente associado ao contexto literário. No entanto, a partir de trabalhos como os de Lakoffe e Johnson (1980) e Turner (1996), ganhou espaço a ideia de que a linguagem metafórica está muito presente em nossas comunicações diárias, e não restrita ao contexto literário (Souza, 2023, p. 135).

Enquanto a metáfora, na visão tradicional, é considerada como simples figura de linguagem e, como tal, deve ser apenas reconhecida e classificada, mas não interpretada, no novo paradigma a interpretação da metáfora passa a merecer atenção especial por ser considerada uma operação cognitiva fundamental, constitutiva da linguagem e do pensamento, uma vez que envolve o desenvolvimento do raciocínio analógico e da capacidade interpretativa do aluno (Paiva, 1998, p. 14).

A linguagem figurada está presente constantemente nas produções textuais, quer seja verbal ou não verbal, quer seja em um anúncio publicitário, poema ou em uma frase de uma criança quando chega e diz à mãe que está morrendo de fome, por entender que nessa frase o poder argumentativo é bem mais forte do que apenas dizer que está com fome. Por isso

[...] Pode-se dizer que a metáfora e a metonímia são dois processos de projeção muito utilizados como "estratégias argumentativas" e são quase onipresentes nos textos que produzimos e a que estamos expostos, desde uma conversa diária até um artigo de opinião publicado em jornal de grande circulação (Souza, 2023, p. 136).

Isso evidencia que a metáfora não pode ser vista apenas como uma figura de linguagem sem valor cognitivo, interpretativo e argumentativo, pois "A língua é produtiva, no que se refere à possibilidade de criação de termos e expressões que veiculam sentido metafórico" (Paiva, 1998, p. 40). A metáfora se faz presente no cotidiano do falante, ainda que ele nem queira saber se o sentido atribuído à sua forma de se expressar é metafórico ou não; o falante apenas sabe que, ao usar determinadas expressões, terá seu objetivo alcançado.

Expressões como "ficar uma seda" (em oposição a "ficar uma arara"), "ter sangue de barata", "cantar de galo", "ser amigo da onça", "dar zebra", "encher linguiça", "pagar o maior mico", dentre tantas outras, incorporaram-se no léxico da língua portuguesa do Brasil cristalizando sua forma e seu significado enquanto identidades culturais brasileiras. O que há de interessante nessas expressões é a criação linguística inusitada que elucida uma relação conceitual, nem sempre percebida como metafórica (Paiva, 1998, p. 40).

Desta feita, estudos mostram que a metáfora não

[...] é mais considerada apenas um recurso de estilo ou uma figura de linguagem usada apenas para "embelezar" o texto, pelo contrário, passou a ser vista como um mecanismo que envolve a conceitualização de um domínio de experiência em termos de outro (Souza, 2023, p. 136-137).

Assim, a metáfora exige um alto grau de percepção e de abstração do criador/locutor, tendo em vista os mesmos atributos do locutário, para que haja compreensão e interpretação (Paiva, 1998, p. 41).

É evidente que, para haver a compreensão e interpretação, locutor e locutário precisam estar constituídos dos conceitos metafóricos utilizados por sua comunidade linguística, pois, quando alguém diz "esse garoto é um anjo", dependendo da situação e contexto de comunicação e dos interlocutores, pode haver dois significados, se referindo a anjo bom ou a anjo mau, porque

As metáforas ou expressões metafóricas comumente utilizadas pelo homem

estariam, portanto, entrelaçadas aos conceitos metafóricos de forma sistemática, possibilitando a compreensão de um aspecto de um conceito/objeto em termos de outro. Assim sendo, expressões pertencentes a um domínio (fonte) serão utilizadas para mapear conceitos correspondentes em outro domínio metaforicamente definido (alvo), o que permitirá a construção de expressões literais e imaginativas (Paiva, 1998, p. 74).

conceitos metafóricos vão ganhando significados para o usuário da língua mediante interação de uso da linguagem literal e a figurada, já que “[...] a metáfora é um processo cognitivo que nos ajuda a conceitualizar a nossa experiência por meio da criação de correspondências entre as coisas facilmente compreendidas de outras mais difíceis de entender” (Souza, 2023, p. 140), visto que as práticas de linguagem, seja com textos escritos ou orais, seja em textos literários ou em conversação entre interlocutores, potencializarão o repertório literal/metafórico do usuário.

Sendo um fenômeno discursivo, a metáfora apresenta-se em um contexto referencial e pode conter marcas culturais. De um lado, seu criador (ou “construtor”), inserido em um contexto cultural, com o seu universo e com suas próprias relações com o mundo, tem liberdade criativa para conceber uma metáfora, para, subjetivamente, “subverter as regras da língua”. De outro lado, o receptor (ou “desconstrutor”), também inserido em um contexto cultural, com o seu universo e com suas próprias relações com o mundo, parece ter parcialmente limitada sua liberdade subjetiva para compreender o efeito metafórico. Cabe a ele captar um dos sentidos permitidos pelo contexto cultural e referencial em que a metáfora está inscrita. O processo de desconstrução da metáfora parece ser pouco conhecido (Paiva, 1998, p. 41-42).

Conforme Paiva (1998, p. 40), “Quando se observa, no discurso, relações conceituais estabelecidas na composição de expressões, de enunciados e endereçadas a referentes, quase sempre decodificadas”, porque nosso sistema de conceitos, nosso pensar e nosso agir, são, por natureza, metafóricos, razão pela qual é conveniente afirmar que há inúmeras expressões, por exemplo, que são associadas a impressões sensíveis aos valores morais como: “calor da vergonha”, “frieza de caráter”, “doçura de estilo”, que só podem ser compreendidas em caráter metafórico da língua.

Assim, o caráter metafórico da língua não é inerente à questão de embelezamento do texto literário, mas sim à interação humana no uso comunicativo da língua falada ou escrita, como potencializador argumentativo e expressivo. Assim como acontece nos textos literários, em que o autor usa, por muitas vezes, a linguagem metafórica para enriquecer a verossimilhança de seu texto e fortalecer seu discurso, seus argumentos, quer seja em um romance, crônica, conto, quer em outros gêneros, a metáfora pode estar presente em diferentes textos, de diferentes gêneros.

No presente artigo, focalizaremos a presença de metáforas no gênero conto, partindo do pressuposto de que a metáfora funciona como potencializador expressivo e

argumentativo, provocador de verossimilhança na construção de sentidos nos textos. A próxima seção se volta para a história e perspectivas que envolvem o conceito de gênero.

Concepções de conto

Etimologicamente, a palavra “conto” vem do Latim *cômputus* e significa cálculo, conta, suposição. Ao longo do tempo, adquiriu o sentido de “narração”. De maneira geral, o conto, em sua aproximação com o conceito de narração, é uma obra literária em que se relata um acontecimento ou uma sequência de acontecimentos e que se caracteriza pela presença de personagens.

Quando se vislumbra a palavra conto em sua relação com o vocábulo narração, surgem questionamentos acerca de suas características mais específicas, uma vez que a noção de “narração” se faz vaga. Conforme Gotlib (1990, p. 6), teria o conto

[...] característica específica de gênero, tal como existem características específicas de romance? de teatro? de cinema? de novela de TV? Quais os limites da especificidade do conto enquanto um tipo determinado de narrativa? E mais ainda: o que faz com que os contos continuem sendo contos, apesar das mudanças que, naturalmente, foram experimentando, no curso da história? Em que aspectos permaneceriam eles fiéis às suas origens? (Gotlib, 1990, p. 6).

Mário de Andrade, em “Contos e Contistas”, citado por Gotlib (1990), afirma que “será conto aquilo que o autor batizou com o nome de conto”. Isso não diminui a angústia de quem deseja entender quais características que uma narrativa deve ter para ser constituído especificamente como conto. Gotlib, citando Claude Brémont, reflete sobre a “lógica dos possíveis narrativos”:

De fato, toda narrativa apresenta: 1. uma sucessão de acontecimentos: há sempre algo a narrar; 2. de interesse humano: pois é material de interesse humano, de nós, para nós, acerca de nós: “e é em relação com um projeto humano que os acontecimentos tomam significação e se organizam em uma série temporal estruturada”; 3. e tudo “na unidade de uma mesma ação”. No entanto, há vários modos de se construir esta “unidade de uma mesma ação”, neste “projeto humano” com uma “sucessão de acontecimentos” (Gotlib, 1990, p. 8).

Diante das afirmações de Brémont e Mário de Andrade, fica aberta e muito ampla a ideia do que se pode chamar de conto. No entendimento de Mário de Andrade, o escritor decide se o que ele escreveu é conto ou não, levando-se em consideração que o conto remete ao ato de contar que aciona a ideia de narrar/narração. Já para Brémont, o conto é uma sucessão de acontecimentos de interesse humano, de nós para nós, permitindo entender que o conto é fruto da realidade para a realidade. No entanto,

[...] o conto não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se, afirma Raúl

Castagnino. [...] caso fosse narrar uma realidade, qual seria a realidade? A realidade contada literalmente ou a nossa realidade fantasiada? (Gotlib,1990, p. 8).

Nesse sentido, o conto, por ser uma narrativa, apresenta-se como um fio que costura a história pelas mãos daqueles que a utilizam como matéria-prima para fazer literatura. Desse modo, é possível compreender o conto como uma forma de narrativa que possibilita ao leitor da história a percepção dos modos de vida e da cultura de um povo. Muito embora esteja livre da obrigação de verdade que pesa sobre o historiador, o contista retém um poder de registro bem caracterizado.

Em face da História, no rio sem fim que vai arrastando tudo e todos no seu curso, o contista é um pescador de momentos singulares cheios de significação. Inventar, de novo: descobrir o que os outros não souberam ver com tanta clareza, não souberam sentir com tanta força (Bosi, 1997, p. 9).

De fato, concordando com Bosi (1997), um artista literário com suas habilidades consegue criar o conto que, como toda produção literária, é produto de um trabalho consciente de máximo domínio do escritor sobre os seus materiais narrativos, para a conquista de efeito único que, mesmo diante de impressões da realidade, o autor capta incidentes singulares que provém de minuciosos cálculos para conceber com cuidado deliberado para elaboração de um certo efeito único e singular que outros não conseguem conceber.

Portanto, deve-se reconhecer que o “conto recai no princípio de uma relação entre a extensão do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor ou o efeito que a leitura lhe causa - teoria de Poe” (Gotlib,1990, p. 19), pois, embora se reconheça e se saiba usar os vários elementos que estruturam e instituem a criação de um conto, entende-se que o que determina seu sucesso ou fracasso não são esses elementos, e sim o modo como tais elementos são tratados pelo contista, não propriamente este ou aquele elemento isolado (Gotlib, 1990, p. 37).

Nesta seção, buscamos apresentar as diferentes concepções associadas à definição do conto, gênero com base no qual será apresentada uma proposta de atividade, discutindo o uso de metáforas no referido gênero textual. Para tanto, nas seções anteriores, definimos a perspectiva aqui adotada para a definição do termo “leitura”, de mundo e de livros, concebida por autores contemporâneos como uma atividade inerente ao ser humano, não como algo mecânico, não só como sinônimo de desenvolvimento da oralidade ou hábito de leitura, mas como uma atividade que eleva o potencial humano do indivíduo que se relaciona com os outros, que pensa, analisa o mundo, que analisa a si e aos outros, para formar suas perspectivas de si e de mundo.

Também, foram sistematizadas as concepções contemporâneas sobre o conceito de

metáfora, que entendem esse fenômeno como não restrito ao uso para “embelezamento” de textos literários, assumindo que as metáforas atravessam o cotidiano das produções textuais verbais ou não verbais, orais ou escritas. Assim, na próxima seção, apresentamos uma proposta de atividade em três etapas, as quais exploram a leitura do conto, valorizando a compreensão das metáforas, para ampliação dos sentidos e interpretação do texto.

METODOLOGIA

Antes de executar um projeto em qualquer área movimentada pelo ser humano, há a necessidade de conhecimentos teóricos, metodológicos e práticos de como realizar cada fase do desenvolvimento do que se pretende construir, pois quando se busca resolver problemas que envolvem muitos aspectos e diversas situações, a pesquisa científica é frequentemente utilizada devido à sua utilidade e aplicabilidade para diferentes propósitos, com o objetivo de criar novos sistemas e produtos (Sampieri, 2013, p. 21).

Nessa perspectiva, este trabalho, de natureza bibliográfico documental, é fruto de uma pesquisa com base em autores contemporâneos que discutem a problemática do ensino da leitura com foco na exploração dos recursos metafóricos que atravessam a construção de sentidos de um conto ou outros gêneros.

Após delimitado o tema, foi necessário realizar um estudo baseado no conhecimento científico antes de partir para a análise do conto “O primeiro beijo”, de Clarice Lispector. Esse estudo de parte teórico forneceu subsídios e sustentação argumentativa referente ao tema, garantindo que nenhum detalhe importante, que possa reforçar a credibilidade científica dos resultados, seja negligenciado. Segundo Gil (1991 *apud* Kauark *et al.*, 2010, p. 28), a “[...] já que a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos, periódicos e, atualmente, material disponibilizado na Internet.”

SUGESTÃO DE COMO TRABALHAR A METÁFORA

Além de sistematizar as concepções de leitura, metáfora e conto, é, também, proposta desse trabalho apresentar como didatizar para o Ensino Fundamental anos finais (8º e 9º ano) formas de se perceber as metáforas como uma ocorrência cognitiva, expressiva e argumentativa nas produções de textos orais e escritos, em especial no gênero conto. Apresentamos abaixo, em três etapas, uma sugestão de como favorecer o ensino da metáfora desde seu conceito às suas contribuições na construção de sentidos de contos. Sugere-se que a referida proposta seja utilizada em turmas do Ensino Fundamental Anos Finais, em turmas do 8º ou 9º anos, por exemplo.

Atividade 01

Para Lajolo (2011, p. 7), “a leitura de livros geralmente se aprende na escola”, onde todos os docentes podem, dentro de suas especificidades, contribuir para desenvolver as potencialidades leitoras dos estudantes, embora, para a maioria desses profissionais, a responsabilidade de leitura seja do professor de Língua Portuguesa. Enquanto não se desmistificar essa ideia, é fundamental que o professor de Língua Portuguesa auxilie nesse processo, para “[...] garantir a formação de um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de ‘desvendar’ suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura [...]” (Brasil, 2018, p. 136).

Nessa perspectiva, no contexto da mediação da aprendizagem de Língua Portuguesa, é válido analisar os efeitos de sentido decorrentes do emprego da metáfora, percebendo-a como elemento persuasivo, a fim de estimular uma leitura crítica de contos e poder desvendar suas múltiplas camadas de sentidos. Para tanto, antes de adentrar ao conceito ou ao reconhecimento da metáfora e seus efeitos de sentidos no texto, é necessário fazer uma retomada dos sentidos conotativos e denotativos que as palavras podem assumir diante da situação comunicativa, mostrando, por exemplo, que a palavra flor, em “A flor murchou” é diferente de “diz aí o que você quer, minha flor?”, levando o discente a perceber que, no primeiro caso, trata-se da estrutura reprodutiva da planta (sentido literal – denotativo) e que, no segundo, as características da flor estão relacionadas a uma pessoa (sentido figurado/metafórico – conotativo).

Em seguida, pode-se fazer um levantamento prévio de frases com sentidos figurados que os estudantes já conhecem, e que compartilharão com a turma, promovendo exemplos da ocorrência de expressões em sentido figurado. Feito isso, para fortalecer a percepção de metáforas em textos, propõe-se uma atividade dinâmica, em que os alunos expliquem o sentido de frases a serem fornecidas pelo professor, dizendo se estas se encontram no sentido conotativo ou denotativo. Nesse momento, cada participante pega uma frase e manifesta sua resposta, enquanto os outros avaliam se confere ou não com suas percepções. Caso estejam equivocados, o professor deve se manifestar, alinhando as ideias e reforçando a diferença entre o sentido literal e o figurado.

Exemplos:

Sentido figurado	Sentido literal
Gabriel é um <i>gato</i> .	O <i>gato</i> é do meu irmão.
Lucas é um <i>touro</i> .	Um <i>touro</i> custa caro.

Fernando é um <i>anjo</i> .	O <i>anjo</i> deve nos proteger.
Dona Filomena é uma <i>flor</i> .	Queremos uma <i>flor</i> vermelha e duas brancas.
Ludmila é <i>fera</i> em matemática.	O leão é uma <i>fera</i> das savanas.
Seus olhos são duas jabuticabas.	As <i>jabuticabas</i> estão maduras.

Atividade 02

Após a atividade 1, considerando-se que o estudante já sabe distinguir sentido literal de sentido figurado/metafórico, passa-se para a etapa em que eles, a partir de frases em que ocorram metáforas, devem conseguir estabelecer as relações de semelhanças “entrelaçadas aos conceitos metafóricos de forma sistemática, possibilitando a compreensão de um aspecto de um conceito/objeto em termos de outro” (Paiva, 1998, p. 74). Para isso, podem usar as frases da atividade 01 ou elencar outras.

Na dinâmica de sala de aula, pode ser utilizado o mesmo formato da atividade 01, só que na segunda atividade o participante, ao selecionar a frase, deve interpretá-la como, por exemplo, quando estamos com pressa e dizemos: “vou voando para casa”, o que realmente queremos dizer é que chegaremos lá o mais rápido possível, seja a pé, dirigindo ou em um transporte coletivo.

Nesse processo, cada participante pega uma frase e manifesta sua resposta, enquanto os outros avaliam se confere ou não com suas percepções. Caso estejam equivocados, o professor deve se manifestar, alinhando as ideias e fortalecendo a interpretação de sentidos das metáforas.

Atividade 03

Nesta terceira etapa, para atingir o objetivo geral norteador do conteúdo metáfora, a atividade será mediada pelo uso do conto “O primeiro beijo”, de Clarice Lispector, por ser um texto em que a autora usou com muita frequência o mecanismo metafórico como recurso argumentativo que, além de atribuir fluidez ao texto, pode provocar no leitor sensações de aproximação entre leitor e personagens, enquanto presencia o conflito pelo qual passa o protagonista, já que pode lhe trazer lembranças da adolescência ou até mesmo de outros momentos de sua vida.

Para dinamizar esta etapa, será interessante disponibilizar cópias do texto para todos os participantes, de forma que fiquem confortáveis para realizar a primeira leitura de modo individual e silencioso, destacando os termos que possam evidenciar outras interpretações que não seja a literal/denotativa.

Feito isso, o mediador/professor pode fazer um levantamento das primeiras impressões dos estudantes sobre a leitura realizada. Caso eles já consigam destacar termos metafóricos, o professor pode ir anotando no quadro para que depois sejam feitas as interpretações; caso contrário, o professor deve mediar uma leitura em voz alta, com boa entonação, para ajudar o estudante na compreensão das metáforas e, conseqüentemente, do texto. Ao final da leitura, o professor deve proceder à identificação dos termos metafóricos no texto. Ao final, se o professor achar pertinente, poderá acrescentar outras que os alunos não conseguiram identificar, conforme quadro a seguir.

Metáforas extraídas do conto “O primeiro beijo”, de Clarice Lispector

- “deixava a brisa fresca bater-lhe no rosto e entrar-lhe pelos cabelos com dedos longos, finos e sem peso como os de uma mãe.”
- “E nem sombra de água.”
- “Uma sede enorme maior do que ele próprio, que lhe tomava agora o corpo todo.”, “enquanto sua sede era de anos.”
- “e seus olhos saltavam para fora da janela procurando a estrada, penetrando entre os arbustos, espreitando, farejando.”
- “O primeiro gole fresco desceu, escorrendo pelo peito até a barriga. Era a vida voltando, e com esta encharcou todo o seu interior arenoso até se saciar.”
- “A vida havia jorrado dessa boca, de uma boca para outra.”
- “Estava de pé, docemente agressivo, sozinho no meio dos outros, de coração batendo fundo, espaçado, sentindo o mundo se transformar. A vida era inteiramente nova, era outra, descoberta com sobressalto.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos mostrar, com base no referencial teórico adotado, que o ser humano, na sua interação com seus semelhantes, precisa fazer leituras, quer de textos verbais, quer de textos não verbais e, para a compreensão e manutenção da comunicação, é preciso ter repertório, adquirido desde a primeira infância e que se prolonga por toda vida, seja por meio da interação com os indivíduos da comunidade ou mediante leitura de livros, jornais, revista ou outros textos.

Um fator preponderante para o leitor é entender que a maioria dos textos é atravessada por termos empregados no sentido que não o literal. Por essa razão, é necessário que se faça outras leituras que não estão na superfície do papel escrito, que extrapolam para a dimensão da leitura de mundo, leitura que se faz na vivência com os

outros, ao dizer com palavras que abarcam os sentidos metafóricos, que requerem interpretações conforme contexto de produção e experiências de leitura do indivíduo.

Outro ponto importante é a importância da leitura, enfatizando-se os mecanismos metafóricos presentes na construção de sentidos possíveis no texto, seja como recurso argumentativo, seja para enriquecer a forma como nos comunicamos, com a utilização do duplo sentido para expressarmos nossas ideias, por exemplo.

Por fim, é pertinente que o professor desenvolva, sistematicamente, atividades de leitura de texto em que os educandos tenham contato com os recursos metafóricos que atravessam os textos verbais e não verbais, escritos ou orais, para que possam apreciá-los, interpretá-los e, futuramente, possam utilizá-los, com propósito argumentativo ou expressivo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Begma Tavares. **Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem.** Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 145-167. mar./ago. 2011.

BOSI, Alfredo (org.). **O conto brasileiro contemporâneo.** São Paulo: Cultrix, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CÂNDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre azul, 2004, p. 169-191.

CHAMBERS, Aidan. **Dime: Los niños, la lectura y la conversación,** Fondo de Cultura Económica de España, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed. 7ª reimpressão, - São Paulo: Contexto, 2018.

Dicionário online. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/narracao/>. Acesso em: 29/11/2023.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GLADIS, Massini-Cagliari... [et al.]; **Ensino de português e linguística: teoria e prática;** organizado por António Suárez Abreu e Ana Carolina Sperança-Criscuolo. - São Paulo: Contexto, 2023.

GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto.** 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo** 1. ed. - São Paulo: Ática, 2011.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda; MEDEIROS, Carlos. **Metodologia da pesquisa: guia**



prático. Via Litterarum, 2010.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Metáforas do cotidiano**. Belo Horizonte: ed. do autor, 1998.

SAMPIERI, Colado e Lúcio. **Metodologia de Pesquisa**, 5. ed. – Porto Alegre: Penso: 2013.

INVENTÁRIO